



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JEAN CARLOS LIMA DA SILVA

VIDA, LUTA E MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA:
o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba

GUARABIRA – PB
2015

JEAN CARLOS LIMA DA SILVA

VIDA, LUTA E MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA:
o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

GUARABIRA – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Jean Carlos Lima da
Vida, luta e morte de João Pedro Teixeira [manuscrito] : o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba. / Jean Carlos Lima da Silva. - 2015.
21 p. : il.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior, Departamento de História".

1. Mártir latifundiário. 2. Ligas Camponesas. 3. Paraíba. 4. João Pedro Teixeira. I. Título.

21. ed. CDD 900

JEAN CARLOS LIMA DA SILVA

VIDA, LUTA E MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA:
o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares
Júnior

Aprovada em 17 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Azemar dos Santos Soares Júnior

Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Estadual da Paraíba
Orientador

José Otávio da Silva

Prof. Ms. José Otávio da Silva
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profa. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

GUARABIRA

2015

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao Deus em que creio, pois sem Ele sei que nada sou. Agradeço a minha família, por ter me incentivado a enfrentar os quatro anos de curso, apesar de muitos não confiarem na minha capacidade de concluir a graduação e mesmo com as dificuldades encontradas ao longo do percurso árduo e situações particulares difíceis, com perdas irreparáveis.

Ao querido professor *Azemar dos Santos Soares Júnior*, que ministrou sete componentes a minha turma, tendo enorme paciência. Obrigado pela sua disponibilidade e atenção para comigo, inclusive por me orientar para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Agradeço ainda a contribuição dos professores *José Otávio da Silva* e *Mônica de Fátima Guedes de Oliveira* pelas contribuições na avaliação desse trabalho.

Agradeço muito aos docentes que passaram contribuíram na minha formação: *Susel Rosa*, *Edna Nóbrega*, *Waldeci Chagas*, *Ruston Lemos*, *Tony Elíbio*, *Mariângela Nunes*. Em especial a querida, *Marisa Tayra* (in memoriam) por sua bondade e simpatia à flor da pele, deixando um buraco vazio em meu coração após sua partida deste mundo.

Agradeço aos amigos que fizeram parte do meu cotidiano, como também aos meus colegas da UEPB, turma 2011.2, em especial *Juarez*, *Josinaldo*, *Maria Aldeízy*, entre outros, considerado minha segunda família, de forma que levarei comigo todas as experiências vivenciadas por nós ao longo dos quatro anos de curso.

VIDA, LUTA E MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA: o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba

SILVA, Jean Carlos Lima da.

Resumo: Este presente artigo busca analisar a vida, luta e morte de João Pedro Teixeira, considerado o mártir latifundiário, sendo um dos principais líderes da criação do movimento rural das Ligas Camponesas na Paraíba, em 1958. Sua trajetória de vida e a sua luta contra o sistema que a sociedade paraibana estava submetida, no qual atuava o poder exacerbado dos coronéis e latifundiários tendo o controle das terras e, conseqüentemente na política, sendo que as leis da época pouco faziam para benefício dos trabalhadores rurais camponeses, oprimidos pelo poder dos donos de terras, pois dependiam do trabalho nas fazendas para o sustento de sua família, trabalhando várias horas por dia, sem direito a qualquer benefício de grande valia dos seus patrões ou do Estado. Foi contra este sistema opressor que se opôs João Pedro Teixeira, entre outros camponeses, movimento este com muitos adeptos, tomando grande repercussão nacional e internacional, com embates violentos travados entre camponeses e latifundiários. Outra finalidade desta pesquisa é estudar as obras direcionadas a este momento histórico da Paraíba e sobre a vida, luta e morte de João Pedro Teixeira, dialogando e refletindo com estas escritas historiográficas produzidas deste a década de 60 do século XX, principalmente sobre o assassinato de João Pedro Teixeira, com o sentido de heroificação sobre o corpo do líder camponês, depois de sua morte, em 1962.

Palavras-chave: Mártir latifundiário, Ligas Camponesas, Paraíba, João Pedro Teixeira.

VIDA, LUTA E MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA: o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba

Introdução

Intitulado *Vida, luta e morte de João Pedro Teixeira: o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba*, esse trabalho de conclusão de curso busca dialogar com algumas produções historiográficas referentes ao movimento camponês denominado por *Ligas Camponesas*. Na cidade de Sapé, o principal líder do sindicato foi João Pedro Teixeira, natural da cidade de Pilõesinhos e membro de uma família de camponeses. Em meados do século XX, engajou-se na luta por terras para os camponeses, contrariando aqueles que tinham poder sobre as terras: os latifundiários. Fato responsável por gerar violência no meio rural. Assim, devido aos embates travados entre camponeses e os capangas dos proprietários rurais eram ríspidos, bastante violentos e sangrentos, questionavam-se como João Pedro Teixeira andava desarmado, tendo consciência do caos que evidenciava a realidade da Paraíba.

No dia 2 de abril de 1962, João Pedro Teixeira viaja para João Pessoa para uma reunião pedida por Antônio José Tavares no escritório do advogado José Gomes da Silva e com o advogado Miguel Paiva para discutirem sobre a questão do Sítio Barra de Antas, em Café do Vento¹, em que líder camponês morava com sua família². O motivo da reunião: o chefe da Liga Camponesa de Sapé estava impedido de fazer qualquer plantação no terreno, pois Antônio José que era vereador e comerciante na cidade de Sapé, havia comprado ao pai de Elizabeth Teixeira, o sr. Manoel Justino, que naquela ocasião ordenava a saída de sua família das terras em que o pertencia. Ao receber a informação de que a reunião havia sido adiada para as últimas horas daquele mesmo dia, João Pedro Teixeira não pôde esperar devido a condução de volta para casa que saía naquele horário.

No retorno a sua casa, após descer do transporte, o líder camponês foi surpreendido por uma emboscada sendo alvejado com vários tiros de fuzil. Chegava ao fim à vida de um

¹ Hoje o povoado de Café do Vento localiza-se na região da Zona da Mata Paraibana, pertencente ao município de Sobrado.

² João Pedro Teixeira era casado com Elizabeth Teixeira, com quem teve onze filhos, sendo eles; Abraão, Isaac, Paulo, Marta, Odévia, Maria José, Marluce, Carlos, Lenine, João Pedro e Marinês.

líder camponês que lutava juntamente com seus aliados camponeses para a melhoria de sua geração e das gerações vindouras, pois ele não queria a continuidade daquela realidade de trabalho compulsivo para seus sucessores. O então governador, Pedro Gondim instaurou o inquérito para investigar o assassinato de João Pedro Teixeira como forma de respaldo aos camponeses, para tanto, foram considerados mandantes do crime Antônio José Tavares, o usineiro Aginaldo Veloso e Pedro Ramos Coutinho.

Diante o exposto, afirmamos que esta pesquisa tem como **objetivo** apreender o processo de formação das Ligas Camponesas na Paraíba, em que contexto histórico estava inserido, ou seja, enaltecendo sua importância como uma revolta das mais significativas do país, tendo um papel definidor no nordeste e principalmente na Paraíba, uma vez que, o embate entre latifundiários e camponeses na região da Zona da Mata paraibana foi bastante intenso e violento. A partir das ideias que o *Partido Comunista do Brasil* difundiram no Brasil, chegou aos camponeses e os mesmos absorveram o espírito reivindicatório para com a questão da terra sob domínio de fazendeiros, grandes latifundiários que detinham todo o poder sobre as terras, e não só a elas, como também as pessoas que trabalhavam em suas fazendas.

É preciso notar também que as revoltas das Ligas Camponesas na Paraíba repercutiram nacionalmente devido a grande repressão por parte dos latifundiários, através de seus capangas, por muitas vezes acobertados pelo Estado, no qual tinham relações políticas de interesses, pois, de certa forma, os coronéis e fazendeiros é que tinham o poder sobre os políticos, através dos currais eleitorais serviam os políticos com os “votos de cabresto”, e assim, podiam desdenhar do poder do Estado quando lhe fossem necessários.

Veremos também a seguir, como o papel da imprensa foi importante durante as Ligas Camponesas, tendo o poder do discurso e sendo orquestrada por aqueles que faziam parte da elite, no qual o alvo principal das críticas e difamações era os “arruaceiros”, “foras da lei”, etc., pois tentava mostrar a população que os que faziam parte deste movimento esquerdista eram o lado “mau” da história, e com o objetivo de que a população não fizesse parte do movimento e os repudiasse com suas práticas.

O meu interesse pelo estudo mais aprofundado sobre as Ligas Camponesas deu-se pelo motivo de desde criança, sempre ouvir falar sobre a luta por terras entre proprietários rurais e camponeses que fazem parte da história da Paraíba, possuindo grande repercussão nacional,

especialmente após a *tragédia de Mari*³, ocorrida em 15 de janeiro de 1964, ganhando notoriedade nacionalmente.

Portanto, apresentamos nesse trabalho uma leitura sobre a produção historiográfica acerca do movimento camponês na Paraíba, especialmente aquelas que visaram discutir a vida, luta e morte de João Pedro Teixeira. Dessa forma, dividimos esse artigo em dois momentos: no **primeiro**, apresentamos o surgimento do movimento das Ligas Camponesas no Nordeste chegando à Paraíba, a forma que a atividade econômica da Paraíba se concentrava na zona rural, devido à agricultura, com o plantio da cana-de-açúcar, algodão, etc. E também produzindo a trajetória do mártir latifundiário, João Pedro Teixeira, com seu espírito de posição em defesa dos camponeses pobres, que sofriam com trabalhos compulsórios dos proprietários rurais, pois não podiam queixar-se do sistema em que favoreciam e engrandeciam cada vez mais o poder das oligarquias locais; no **segundo**, analisamos as obras acerca do tema “**Crimes que abalaram a Paraíba**”, de Severino Ramos, e que apresenta todo um aparato sobre os processos crimes instaurados durante as Ligas Camponesas, dentre eles, o sobre o assassinato de João Pedro Teixeira; e, a dissertação de mestrado do professor Roberto Muniz, que tem como tema “**A Fabricação de João Pedro Teixeira: Como o Herói Camponês**” que apresenta-nos justamente a fabricação de um herói camponês, como se deu esta modulação deste camponês que teve participação fundamental no movimento, liderando-o até que tramam uma emboscada que lhe tiram a vida e a vontade de ver, antes de morrer, a mesa farta dos camponeses, podendo trabalhar e produzir subsídios através da agricultura para seus familiares.

1. A experiência das Ligas Camponesas

Na década de 1950, o movimento camponês denominado por Ligas Camponesas tomou grande proporção no Brasil, no Nordeste e no Estado da Paraíba, eclodindo especificamente na região da Zona da Mata Paraibana, partindo para a região do Agreste paraibano. Sabe-se que a experiência de luta camponesa ganhou força nos países do mundo

³ Tragédia esta ocorrida na cidade de Mari – Pb, em 1962, sendo um confronto sangrento, resultando em 11 mortos e muitos feridos, considerado um dos estopins do movimento camponês.

em que o pensamento ideológico socialista, através do Partido Comunista foi disseminado. A experiência comunista chegou ao Brasil formando seu partido como alinhado a esquerda, liberal, contrapondo-se aos ideais capitalistas que fazia parte do sistema ingressado na sociedade brasileira. O socialismo direcionou um olhar voltado para as “massas populares, posicionando-se contra o sistema de produção capitalista, tendo em vista, que na Europa as indústrias produziam a todo vapor, enriquecendo cada vez mais seus donos, mas o operariado trabalhava de forma extensiva e exploratória” (ARENDR, 1989, p. 361 – 362).

No Brasil predominava o cenário agrário como atividade econômica, no qual a população concentrava-se especificamente na área rural. Vale salientar que os trabalhadores moravam nas fazendas dos proprietários que arrendavam estas terras e trabalhavam na propriedade do fazendeiro, submetendo-se ao sistema implantado pelos proprietários. Na Paraíba não era diferente, o modelo econômico se dava pelos engenhos de produção de cana-de-açúcar e as grandes fazendas que produziam também algodão, café, feijão, entre outros. Mas este modelo econômico ocorria de forma exploratória, pois além de trabalhar várias horas por dia ao fazendeiro e morar num casebre oferecido pelo seu patrão, ganhavam pouco dinheiro para conseguir adquirir alimentação necessária para sua família, e ainda assim, o que ganhara comprava no mercado a alimentação para sua família, que tinha como dono do estabelecimento o seu patrão, ou seja, a renda que o pai de família conseguia durante todo o mês com toda a labuta que era desenvolvida por ele, voltava ao seu patrão. Sendo que os trabalhadores rurais não podiam possuir terras devido à falta de poder aquisitivo para poder arrendar algum chão de terra para produzir subsídios para sua família.

Contudo, a partir desta realidade em que se encontravam os trabalhadores rurais e do conhecimento dos ideais socialistas, surge o movimento social das Ligas Camponesas. Nos primeiros anos da década de 1950, alguns encontros foram feitos para da vida ao movimento, sem sucesso, por não ter muitos associados para fazer parte do movimento contra o cenário que se encontrava o estado da Paraíba. A questão agrária paraibana já sofria com alguns focos de embates travados pelos camponeses e capangas dos latifundiários. Apenas em 1958, João Pedro Teixeira juntamente com outros camponeses que queriam ver a mudança daquela realidade paraibana funda na cidade de Sapé a *Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas*, mais conhecida por *Ligas Camponesas de Sapé*.

O leitor pode questionar-se o porquê dessa associação ser criada na cidade de Sapé sendo que algumas reuniões e indícios de um começo de movimento ocorreram em outras cidades pelo Estado? O jornalista Nonato Nunes (2013, p. 25-26) nos apresenta que

O Censo de 1960 também traçou um perfil das populações de Sapé e Mari, municípios da Zona da Mata paraibana. Sapé apresentava uma população total de 48.596 hab., sendo 10.602 deles vivendo na cidade, e 37.994 na área rural. Já o município de Mari contava, em 1960, com uma população total de 12.687 habitantes. Na cidade viviam 8.242 moradores, enquanto que na zona rural foram contabilizados 4.445 recenseados. Os números mostrados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1960) revelaram ainda que o município que apresentou maior diferença populacional em favor do campo fora justamente o de Sapé. Ali, de cada quatro moradores, três tinham como endereço alguma casinha na zona rural. Vale salientar que dos três, Sapé era o que detinha a maior área – 441Km². Mari, com 187 Km², e Guarabira, com 222Km², eram, individualmente, duas vezes menores.

Ou seja, através destes Censos apresentados por Nonato Nunes, a área rural da cidade de Sapé e seu contingente populacional especificamente situado nestas áreas rurais eram maiores do que de outros municípios, como por exemplo, Guarabira que obtinha menos da metade da área rural de Sapé, e também pela maioria de sua população residir no campo, no qual se pode perceber de como este movimento veio consolidar-se a partir da criação da Associação encabeçada por João Pedro Teixeira, personagem de grande fibra e determinação para conseguir perante o governo a Reforma Agrária que tantos camponeses, assim como ele almejavam.

João Pedro Teixeira, filho de João Pedro e de Maria Francisca da Conceição do Nascimento, nasceu em 4 de março de 1918, na cidade de Pilõezinhos, na época distrito de Guarabira. Segundo Nonato Nunes (2013, p. 24) João Pedro era família humilde, viviam do trabalho do pai na fazenda, e da criação de alguns animais do sítio em que morava, sua mãe tomava conta das crianças, da casa, dos animais, etc. Quando criança admirava o esforço, o engajamento, o comprometimento do pai em sustentar sua família através de sua labuta diariamente nas terras do fazendeiro, levantando-se pela matina antes do sol nascer e só voltava para casa depois do anoitecer, e quando chegou à idade em que o patrão do seu pai já ordenava que o mesmo já viesse a trabalhar juntamente com seu pai, para aumentar o seu lucro consequentemente.

Não tinha direito a nenhum tipo de educação, mesmo após a industrialização no Brasil já tomava o espaço da cidade, no qual incorporou a escola para a profissionalização de jovens e adultos para o mercado de trabalho, a Paraíba, como parte da federação esperava-se que as escolas pudessem chegar ao Estado, e a todos que a ela pertencia, mas a alfabetização dos camponeses transformava-se numa ameaça aos proprietários de terras devido a perda de seus trabalhadores e de seus lucros. Nonato Nunes (2013, p. 26) nos apresenta que

O aprendizado era interpretado pelos proprietários como a porta de entrada para a formação de uma consciência que poderia, num curto espaço de tempo, afastar das lavouras jovens em plena capacidade física e mental. Era a “erva daninha” que tinha de ser combatida a ferro e fogo para não “contaminar” todo o campo. Nas áreas onde imperava a monocultura da cana-de-açúcar, do fumo ou do algodão, o valor da capacidade mental era uma carta fora do baralho quando estava em jogo a produtividade e os lucros obtidos pelos proprietários de terras.

Além de outros tipos de exploração dos latifundiários para com os camponeses, a não permissão de estudar era outro tipo de exploração, indo na contramão do que se via em outros lugares do país, no qual para os proprietários de terras a alfabetização do homem do campo seria uma ameaça para suas produções nas lavouras, dessa forma, mantinham seus empregados na ignorância plena, mas alguns como João Pedro Teixeira, que não aceitava tais explorações começara a questionar o porquê daquela realidade fazer parte de suas vidas? Tendo em vista, o sofrimento e as injustiças feitas pelos capangas a mando dos fazendeiros aqueles que se posicionavam contra as ações de seu patrão. Nunes traz um trecho de Francisco Julião, advogado e um dos maiores responsáveis pela organização do movimento das Ligas Camponesas no estado de Pernambuco, que destaca algumas destas violências

Tais crimes chegam a ser hediondos. Derrubam os casebres e arrancam, de trator, as fruteiras dos camponeses, rebelados contra o aumento extorsivo do foro, o “cambão”, o “vale do barracão”, o “capanga”, o salário de fome. Arrastam-nos de jipe, deixando-os em carne viva. Amarram-nos sobre o caminhão como se faz com o gado e passeiam com eles até pela cidade. Com um ferro em brasa, marcam-lhes o peito e as nádegas. Um é posto lambuzado de mel sobre um formigueiro. Outro é metido numa cuba cheia d’água, permanecendo noite e dia a pão seco, servindo-se daquela mesma água contaminada pela urina e pelas fezes, onde fica mergulhado até a boca. Um terceiro é caçado como uma raposa e morto a tiros de revolver e de rifle. E quando a família põe uma cruz tosca de madeira, como é de costume, no lugar onde tombara, a fúria do latifúndio se abate sobre a cruz, que é desfeita em pedaços. Tem havido até camponeses mutilados em presença de outros, sendo os pedaços de sua carne oferecido aos cães para servir de exemplo. Existe o caso de um desgraçado que teve os testículos presos a uma gaveta no interior do seu próprio mocambo de capim, a que atearam fogo em seguida. Em São Paulo, um camponês teve os dois braços amputados pelo latifundiário enfurecido. Na Bahia, uma aldeia com mais de duas mil pessoas é incendiada por um grupo de jagunços, a mando de um senhor de terras, com a participação ostensiva de um juiz togado e no pleno exercício do cargo (JULIÃO, 1975, apud NUNES, 2013, p. 34)

Observamos na passagem acima a descrição de algumas formas de torturas que os fazendeiros submetiam os camponeses, a maioria deles por “desobediência” ou por participação no movimento camponês. Tratava-se de uma forma de reprimi-los, silenciá-los. Dessa forma, revelou-se um ser camponês opositor, no qual outros camponeses viam nele a esperança de alguma mudança que era João Pedro Teixeira, sendo que ele não comungava

desta realidade, e procurou juntar forças com outros camponeses para reivindicar perante aos latifundiários e ao Estado melhorias para aquela população da roça. João Pedro ao fugir com Elizabeth Teixeira (o pai dela não aceitava o namoro), e logo após, casar-se com ela e construir uma família com onze filhos, aprendeu a ler e escrever com sua esposa, tendo esse privilégio por ser de família branca e da elite, e dessa forma, João Pedro foi tomando mais conhecimento daquela realidade.

De acordo com Nonato Nunes (2013, p. 50), em 1944, João Pedro Teixeira, devido ao trabalho sazonal, passou uma temporada em Jaboatão - PE, numa pedreira para melhorar as condições de vida de sua família. Já em 1948, conhecera Francisco Julião no Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, e chegara ao seu conhecimento os ideais do Partido Comunista, João Pedro Teixeira via muitas semelhanças daqueles discursos com a sua luta e dos camponeses, pois tinha como ideal o fim da disputa de mercado e de tudo igual para todos, logo, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, buscando novos conhecimentos para fazer frente aos latifundiários. Como João Pedro Teixeira passou a defender estes ideais de forma clara e objetiva passou a ser perseguido pelo dono da pedreira em que trabalhava, e pelos latifundiários. Dessa forma, João Pedro Teixeira passou a ser considerado marcado para morrer, pelas ameaças que sofria. Não se importava em andar desarmado, podendo ser surpreendido a qualquer hora por algum capanga, nada lhe temia.

A organização de movimentos das massas populares contra o que o governo implantava na sociedade se deu numa crescente, e conseqüentemente, chegando à Paraíba devido ao grande poder dos latifundiários com grandes extensões territoriais, com o intuito de Reforma Agrária, que tinha como lema: “Reforma Agrária, na lei ou na marra”, através de João Pedro Teixeira, Nego Fubá, dentre outros camponeses, que em fevereiro de 1958, criam a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícola de Sapé – PB, segundo Nonato Nunes (2013, p. 84) João Pedro era o vice- presidente desta Associação, mais conhecida como Liga Camponesa de Sapé, no qual aconteciam às reuniões dos camponeses e seus líderes, assim como João Pedro, eram recebidos pelos governantes para ouvirem suas reivindicações, mesmo não atendendo-os devido aos seus superiores, que eram os próprios latifundiários. Mesmo assim, João Pedro atuava de forma incessante para alcançar melhorias perante aquela realidade dos trabalhadores rurais.

Em dois de abril de 1962, quando voltava para casa a pé, após ter ido a capital paraibana, aproximadamente as 17:00hrs foi alvejado com vários tiros, chegava ao fim a vida do considerado mártir latifundiário, mas não do movimento das Ligas, apenas tenha sido um

fator importante para o acirramento daquele conflito, pois ele plantara em sua esposa, Elizabeth Teixeira (que deu continuidade liderando o movimento), e aos demais integrantes a esperança e a coragem de lutar pela Reforma Agrária e a mudança daquele sistema que desfavorecia a população pobre.

2. Obras referentes à JPT e o movimento das ligas camponesas

2.1 Crimes que abalaram a Paraíba, de Severino Ramos

O autor e jornalista Severino Ramos apresenta em sua obra “Crimes que abalaram a Paraíba”, lançado em 2012 traz um esboço de caráter jornalístico de crimes que marcaram a trajetória do Estado da Paraíba, tendo como princípios as chacinas ocorridas durante o movimento das Ligas, na perspectiva de aniquilar seus líderes para que pudessem descentralizar, intimidar e realmente fazer com que este movimento viesse a se extinguir. Focando a partir de 1962, no qual o crime que marcou o movimento conflituoso e violento, e de grande repercussão se deu pelo assassinato de um dos líderes do movimento camponês, que foi o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira. O autor apresenta estes assuntos na primeira parte de sua obra, já na segunda parte o mesmo vem tratar de outros crimes que abalaram a Paraíba no século XX.

Mais conhecido por Biu Ramos, jornalista da época das Ligas Camponesas, ele reúne neste livro suas reportagens da época, juntamente com outros documentos da imprensa, discursos e seu parecer daqueles fatos que ocorriam naquele modelo de sociedade no qual se fazia presente na Paraíba. Também nos apresenta alguns artigos produzidos na época bastante importantes para se ter uma ideia de como estava se desenvolvendo o movimento das Ligas Camponesas na Paraíba, num trecho de um artigo de Nizi Marinheiro, que foi publicado um dia antes da chacina que resultou na morte de João Pedro Teixeira, apresenta a situação da Paraíba na época

O movimento reivindicatório e pacífico dos trabalhadores do campo está sendo mal interpretado pela opinião pública, que se mostra pouco esclarecida e ignorante da questão. Os fatos têm sido distorcidos pelos proprietários e algumas autoridades atrasadas e reacionárias, com a cobertura de jornalistas e jornais que não acompanham a nossa evolução social. Daí a impressão errônea da opinião pública sobre o movimento camponês, notadamente na Paraíba. Ainda ontem ouvíamos comentários alusivos ao direito de propriedade assegurado pela Constituição e censuras à atuação das Ligas

Camponesas, acusadas de tentarem invadir as terras e toma-las de seus legítimos donos.

A verdade, porém, é outra. Não se trata de invadir propriedades, tomando suas terras. Nada disto ocorreu ou está para ocorrer na Paraíba. O que se tem verificado é a incompreensão e a intransigência de alguns proprietários rurais, aliás, em minoria, mas poderosos e influentes, tanto na política como econômica e financeiramente. São, geralmente, grandes latifundiários, donos de extensas fazendas com inúmeros moradores que vivem miseravelmente, sem escola para filhos, sem qualquer espécie de assistência, morando em mocambos infectos e sujeitos ao regime do cambão. São postos para fora desta terra por mero capricho de seus proprietários, sem qualquer indenização pelas lavouras, pelo pequeno sítio, às vezes vindo de outras gerações do pobre rurícola; que paga o seu foro em dinheiro e em dias de trabalho por cada semana, inclusive dos familiares. Sem contar as arbitrariedades do patrão, com soltura do gado nas plantações e violências outras, como surras, ameaças de morte, prisões e espancamentos por policiais sempre dóceis e solícitos às ordens desses mandões desabusados. Para esses aspectos vergonhosos e infames adotados pelos senhores feudais em pleno século vinte, da era atômica e dos vãos espaciais, ainda não atentaram os censores das Ligas e defensores do arcaico direito de propriedade.” (MARINHEIRO, 1962, apud RAMOS, 2012, p. 31)

Portanto, a partir da leitura deste trecho mencionado pelo autor podemos perceber de como se encontrava a realidade social, política e econômica da Paraíba. No que se refere à política, percebemos suas práticas frente aquele cenário de discussões sociais pautadas na Reforma Agrária e melhorias de vida dos trabalhadores camponeses paraibanos versus a ambição e a busca incessante de poder dos grandes latifundiários, no qual a legislação os garantia a autonomia de poder perante seu poder aquisitivo e sua força política, sendo que consideravam as ocupações de terras dos fazendeiros um crime, pois não podiam, perante a legislação, tomar posse de terras que não os pertencia, mas os governantes, fazendeiros, entre outros, não enxergavam as calamidades vivenciadas pelo homem do campo e sua família. Tendo em vista, que não tinham direito a educação, sem nenhum tipo de assistência do Estado, nenhum ressarcimento aquisitivo quando era colocado para fora de sua casa por alguma desobediência ao patrão, sendo colocados para fora de seus casebres, do sitiozinho que plantara qualquer coisa para sua subsistência, ou seja, nenhuma política pública voltada em benefício para a melhoria de vida dos camponeses.

Uma das práticas mais questionadas pelos camponeses perante aquela situação de opressão dos donos de terras para com os camponeses, era na parte da economia, ou seja, da forma que estava sendo desenvolvida a atividade econômica da época, enriquecendo cada vez mais os latifundiários e empobrecendo cada vez mais o homem do campo, devido ao cambão (modelo de pagamento aos serviços prestados na fazenda pelos camponeses), de forma que os trabalhadores rurais trabalhavam de forma extensiva, várias horas por dia, e ganhando pouco perante o trabalho que lhe era árduo, e ainda mais, o pouco que ganhara do seu patrão iria

comprar nos estabelecimentos comerciais os mantimentos para si e sua família, na maioria das vezes, o próprio patrão era o dono do estabelecimento, ou seja, a comissão paga pelo patrão ao camponês voltava para si de forma constante.

Outro tipo de exploração dos fazendeiros para com os camponeses seria numa perspectiva social, ou seja, nos casebres imundos que eram cedidos pelos proprietários aos camponeses para morar nelas, como também não lhes eram permitido acesso a educação, passavam fome, pois a renda mensal era mínima ficando a maioria nas mãos de seus patrões, sem nenhum tipo de privilégio do Estado, da Legislação, amparo social, etc. Para ilustrar estas colocações Biu Ramos traz para seu livro uma menção de John Gerassi, do livro: “A Invasão da América Latina” de 1965, apresentando o seguinte

Na imensa região do Nordeste, habitada por 25 milhões de pessoas, os motins provocados pela fome degeneraram em massacres de camponeses. Procurando obter sua subsistência no sertão, onde a seca reina de oito a dez meses por ano, o camponês do Nordeste trabalha de meeiro nos latifúndios de propriedade de um punhado de senhores feudais. Tem de pagar dois terços de sua colheita como “arrendamento”. É obrigado a vender o resto ao dono por um terço de valor, mas ficam no seu encargo as ferramentas e mantimentos, que tem de comprar no armazém do patrão e preços 40% acima dos comuns. Sua vida é rigorosamente controlada pelo latifundiário, que num determinado caso criou o seguinte regulamento: “Todos os moradores desta propriedade estão proibidos de: 1. Portar armas de qualquer tipo; 2. Beber aguardente ou qualquer outra bebida alcoólica; 3. Jogar cartas, ou qualquer outro jogo; 4. Passar as horas de folga fora da propriedade; 5. Caçar, ou permitir que estranhos cacem; 6. Brigar com o vizinho ou qualquer pessoa; 7. Visitar amigos doentes; 8. Promover bailes sem permissão do proprietário; 9. Espalhar boatos; 10. Fingir-se de doente para não trabalhar. Os que não obedecerem terão 24 horas para se retirarem.” (GERASSI, 1965, apud, RAMOS, 2012, p. 44-45).

Dessa forma, nota-se a devastadora forma de atuação dos latifundiários para com seus trabalhadores, controlando-os de forma contínua e os punindo quando algumas destas imposições eram rompidas, ou seja, essa era a forma de restringir e oprimir aqueles que se opusessem as sua vontades, ameaçando constantemente suas famílias e, até mesmo, expulsá-los de suas casas. A partir destas constatações, tendo em vista, o desamparo da lei, do Estado, e de seus patrões, a organização das Ligas fora a única saída para conseguir melhorias perante esta sociedade exploratória que fez parte da realidade paraibana no início da metade do século XX.

2.2 A fabricação de João Pedro Teixeira: Como o herói Camponês, de Roberto Muniz

A tese de dissertação de Roberto Muniz, intitulado como “A Fabricação de João Pedro Teixeira: Como o Herói Camponês”, apresentada em 2010, esboça uma fabricação de discursos pós-morte de João Pedro Teixeira como uma fabricação de um heroísmo deste líder sindical do movimento das ligas camponesas, assassinado em abril de 1962, no qual Roberto Muniz destaca a construção imagético-discursiva sobre o corpo de João Pedro Teixeira como um herói fabricado por estes discursos como forma de legitimá-lo como o herói daquele movimento camponês, tendo em vista, que nem ele mesmo queria este papel, e sim, apenas a liberdade de seus amigos, sua família e de si mesmo perante aquelas arbitrariedades praticadas pelos latifundiários para com os camponeses. Roberto Muniz inicia sua dissertação com uma questão a ser refletida,

Como foi escrita a história de um sujeito para fazer dele um herói camponês? A escrita da história desse personagem, que teve o começo de sua fabricação no ano de 1962, com o objetivo de heroificá-lo, logo após a sua morte. (MUNIZ, 2010, p. 14).

Ou seja, Muniz enfatiza esta questão no início de sua dissertação, procurando desvendar as tramas e a escrita sobre o corpo de João Pedro Teixeira logo após sua morte, segundo Muniz, sendo construído com narrativas para uma fabricação de um herói de um movimento que fez parte da história da Paraíba, em relação aos embates travados durante as Ligas Camponesas, tendo como um dos seus principais líderes João Pedro Teixeira, sendo “mais conhecido” através de narrativas passando para seus leitores como o herói Camponês, logo após o seu assassinato em 1962. O autor utiliza do conceito de Michel de Certeau, como o corpo escrito, por escritas e narrativas que tomam posse de sua carne, com discursos impostos por aqueles que apropriam-se, transpassando ao seus leitores como verdade da época, assim,

Portanto, o corpo escrito é aquele que traz em sua “carne” as marcas da escrita do seu inventor, ou seja, as marcas do seu colonizador que se apropriam de sua extensão, tal como fez Américo Vespúcio, o conquistador, que se apropriou do outro a partir de uma escrita que era *sua* e nele, traçou a sua própria história inventando assim a América (MUNIZ, 2010, p. 16).

Roberto Muniz apresenta vários autores e obras voltadas ao tema, mas destaco dois principais autores, no qual percebi maior facilidade do autor ao expor as ideias destes, que são

Fernando Antônio Azevedo (autor do livro: *As Ligas Camponesas*, 1982) e Cezar Benevides (autor do livro: *Camponeses em Marcha*, 1985). Enfatizando que as escritas a partir da década de 60, após a morte de João Pedro Teixeira se configuram como uma construção de heroificação sobre o mesmo, e que se mantém na década de 80 do mesmo século como uma continuação das suas ações enquanto tinha vida, por outros “descendentes de suas vontades”, como um ciclo interrompido, no qual sua identidade se manifestaria nas almas de outros camponeses vindouros como exemplo a ser seguido. É importante salientar o lugar social de escrita destes historiadores, como também suas finalidades e seu campo de visão. Segundo Muniz, Benevides havia sido assessor parlamentar do ex-deputado federal José Joffily.

Benevides e Azevedo, intelectuais da década de 80, relacionam o assassinato de Margarida Maria Alves, líder sindical, como de outros líderes sindicalistas da Paraíba com a de João Pedro Teixeira. De acordo com Muniz, Azevedo escreve o prefácio do livro de Benevides, dando-lhe credibilidade e concordando com o mesmo partindo do presente (década de 80) com o passado (década de 60), desfazendo-se das particularidades e singularidades de cada época, segundo Muniz

Dessa maneira, Benevides ao tomar o corpo de João Pedro Teixeira como espaço de escritura, como também o de Margarida Maria Alves para fabricar a tessitura de sua história, acabou por diluir a singularidade de suas experiências de vida quando comparou arbitrariamente a luta de Margarida com a de João Pedro em momentos e temporalidades distintas. A diluição das diferenças e das particularidades históricas se deu quando Benevides valorizou em desmedida dois personagens ou quando falou dos outros personagens da história das Ligas Camponesas como Nêgo Fubá e Pedro Fazendeiro para colocá-los nos bastidores, fazendo deles apenas uma referência que se fixa em um nome sem mencionar as suas participações (MUNIZ, 2010, p. 96).

Então, podemos perceber que Benevides se desfaz das singularidades distintas de cada época, procurando apenas as semelhanças como uma continuidade da história sem qualquer ruptura, não importando-se com as diferenças existentes nas temporalidades, no qual se configura na contramão da história, tendo em vista, as escritas da história são feitas por interpretações diferentes, lugares sociais diferentes, sendo que na história não existe verdades, há interpretações sobre algum fato, mas nunca uma verdade absoluta. Assim, Benevides e Azevedo tentam, segundo Muniz, realizar uma conexão homogênea entre as histórias de vida e luta de João Pedro Teixeira e da sindicalista Margarida Maria Alves, colocando-a como uma sucessora dos ideais e reivindicações agrárias travados por João Pedro Teixeira na sua vida.

Com isso, Roberto Muniz apresenta em sua tese as fabricações de João Pedro Teixeira como o herói camponês, quando estas interpretações apenas vêm a ser produzidas logo após

sua morte, em 1962. Segundo Muniz, João Pedro Teixeira passa a ter vida depois da morte, num sentido figurado, pois como se ele não existisse enquanto tinha vida, mas seu corpo passou a ser escrito por pessoas que tinham outras finalidades com sua história de vida, passando a ser um “herói” depois de sua morte. Muniz apresenta interpretações de vários autores que dão sentido aos seus questionamentos, de forma concisa, colonizando seu corpo e transpassando para as futuras gerações um sentimento de obrigação de dar continuidade aos embates travados por João Pedro Teixeira, por uma sociedade mais igualitária, em que os camponeses e os mais pobres pudessem viver dignamente, e que a questão agrária viesse a ser resolvida para que este seu desejo fosse realizado.

Considerações Finais

Finalizando o trabalho, mas não a pesquisa, podemos concluir que o movimento das Ligas Camponesas na Paraíba teve papel fundamental no processo de desenvolvimento no estado, uma vez que, fez uso de todo um aparato social, econômico e político, no qual a população rural da Paraíba era submetida aos mandos e desmandos dos seus patrões, donos das fazendas onde trabalhavam para o sustento da família, em condições de trabalho pífias, desumanas, opressoras, sem direito a nada, apenas ao trabalho exaustivo diariamente e debaixo das ordens de seus patrões.

Tendo como principal fundador e considerado o mártir latifundiário João Pedro Teixeira, buscando investigar através das produções historiográficas sobre o movimento e a história da vida, luta e morte de João Pedro Teixeira, camponês, de família humilde, que não concordara com a realidade em que eram submetidos, como também sua família e amigos, almejando a Reforma Agrária tão desejada pelos camponeses, ou por direitos em que deveria ser concretizados, numa sociedade que os restringia de privilégios ou algum amparo do Estado, pois quem comandava a política do Estado eram os próprios coronéis, donos de terras, no qual o Estado satisfazia seus desejos amparados pela lei.

Portanto, podemos finalizar questionando-se: quais as conquistas obtidas pelo movimento das Ligas Camponesas na Paraíba lideradas por João Pedro Teixeira em relação à Reforma Agrária? E assim, a partir desta reflexão, no qual este trabalho proporcionou enfatizando como foram produzidas a ideologia de heroificação de João Pedro Teixeira logo após sua morte, numa perspectiva voltada as produções escritas e narrativas sobre este movimento e também sobre este líder camponês, e assim, observando as finalidades destas

produções historiográficas importantes para a conscientização sobre o movimento das Ligas Camponesas e João Pedro Teixeira.

Referências

ARAÚJO, Railane Martins. *O governo Pedro Gondim e o teatro do poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2010, p. 55-96.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo – Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In:_____. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. 3ª ed. SP: Brasiliense, 1987.

BENEVIDES, Cezar. *Camponeses em Marcha*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1985.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

DANTAS, Elder et all. *Golpe civil-militar e ditadura na Paraíba: história, memória e construção da cidadania*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

MUNIZ, Roberto Silva. *A Fabricação de João Pedro Teixeira: como o Herói Camponês*. Campina Grande, 2010, 200 p. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande.

NUNES, N. S. *João Pedro Teixeira: um mártir latifundiário*. João Pessoa: Idea, 2013. 222 p.

RAMOS, Biu. *Crimes que abalaram a Paraíba*. João Pessoa: Forma Editorial, 2012. 248 p.

LIFE, FIGHT AND DEATH OF JOHN PEDRO TEIXEIRA :
the martyr landowner and the tessitura of the Peasant Leagues in Paraíba

SILVA, Jean Carlos Lima da.

This present article seeks to analyze the life, struggle and death of João Pedro Teixeira, considered the martyr landowner, one of the main leaders of creation of rural movement of the Peasant Leagues in Paraíba, in 1958. His life story and his fight against system that paraibana society was submitted, which operated the exaggerated power of the colonels and landowners taking control of land and hence the policy, and the laws of the time did little to benefit rural workers peasants, oppressed by the power of the owners of land because depended work on farms to support their families by working several hours a day without the right to any benefit from great value of their employers or the state. It was against this oppressive system which opposed Teixeira, among other peasants, this movement with many fans taking great national and international repercussions, with violent clashes between peasants and landowners caught. Another purpose of this research is to study the works aimed at this historic moment of Paraíba and about life, struggle and death of João Pedro Teixeira, talking and thinking with these historiographical produced written this to the 60s of XX century, especially the murder of João Pedro Teixeira, with the sense of heroificação on the body of the peasant leader, after his death in 1962.

Keywords: Squire Martyr, Peasant Leagues, Paraíba, João Pedro Teixeira.